

O PREÇO DA AMBIÇÃO

(Original em 3 atos de Érico Cramer)

1º ATO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

Narrador - Quem, à hora da saída do Moinho Santa Isabel, parasse alguns instantes junto ao enorme portão que dava acesso àquele estabelecimento comercial, destacaria logo, entre aquela verdadeira multidão de operárias palradoras e apressadas, a figura inconfundível de Florentina, uma jovem de ~~dezesete~~ ^{dezoito} anos apenas, maravilhosa na expressiva beleza do seu rosto e verdadeiramente estonteante no seu conjunto de formas esculturais e provocantes. Nas suas idas e vindas do trabalho, ela passava, diariamente, à frente de um boteco de propriedade do Giuseppe, um filho de colonos italianos imigrados para o Brasil, rapaz profundamente ambicioso e que, insatisfeito com os moderados resultados do plantio das terras arrendadas por seu pai, mudara-se para a Capital, em busca de lucros maiores e mais fáceis. Florentina, com o seu encanto moreno, não tardou em chamar a atenção do Giuseppe que, ao vê-la passar, não podia deixar de exclamar, enlevado:

Giuseppe - É bonita pra xúxú, essa morena. Bonita e bôa! Si ela continua a olhá pra mim desse jeito, um dia eu ainda faço a bestera de me casá com ela.

Narrador - E tantas vezes disse isto, tantas vezes, que um dia, sentindo a necessidade de ampliar o negócio e de admitir alguém que o auxiliasse, chegou à conclusão, -calculista frio como sempre fôra,- de que mais conveniente seria casar-se e botar a mulher a trabalhar com êle do que admitir um empregado extranho que não só desviaria o dinheiro do salário para fora de casa, como ainda poderia roubá-lo. E foi então que se resolveu a falar seriamente com Florentina. Esperou-a uma tarde à porta do boteco e abordou-a.

Giuseppe - Boa tarde, menina.

Flôr - Boa tarde.

Giuseppe - Tá com muita pressa?

Flôr - Por que?

Giuseppe - É que eu queria falá contigo umas coisa, sabe?

Flôr - Que coisas?

Giuseppe - É que eu tô com umas ideia de casamento na a cabeça e tú me agrada bastante.

Flôr - Mas falar de casamento assim, sem mais nem menos, no meio da rua?

Giuseppe - E aonde mais que eu vou falá, si é aqui que eu te encontro ^{lá?}

Flôr - Vai na minha casa, óra.

Giuseppe - Vai na tua casa... mais eu no sei aonde que tu mora, *como nó?*

Flôr - Mas eu lhe dou o meu endereço. Por isso não...

Narrador - Florentina, ou melhor, Flôr - como a chamavam na intimidade - deu a sua direção ao Giuseppe e combinou/ com o louro e simpático rapagão que o esperaria, naquela mesma noite, à porta da sua casa. Ele foi, conversaram durante mais de uma hora, em pouco mais de uma semana *estavam casados.* estavam noivos e em menos de três meses o casamento foi realizado.

do casamento

- Narrador - Ao fim do terceiro dia de ~~casados~~, ou seja, ainda em pleno início da lua de mel, o ambicioso Giuseppe disse à sua mulher.
- Giusepp - Acho que já tamo em tempo de acabá com a vagabundage. Amanhã tú já vai começá a me ajudá no trabalho e vamo fazê bastante força pra não gastá dinheiro que é pra gente ficá rico ligero.
- Flôr - Mas si eu vou te ajudar no negócio, quem é que vai cosinhar o nos so almoço, ~~e lavar a nossa roupa?~~ *e cuidar da nossa casa?* E ~~alem disso, tem a casa pra cui-~~ dar.
- Giuseppe - Óra a casa! A casa são duas peça que tu arruma elas em deiz minuto.
- Flôr - Mas a comida? E a roupa? Tú achas que vai dar tempo pra eu fazer tudo?
- Giuseppe - Óra, ~~pomba!~~ *vamo* Que dá tempo a gente sabe. É só tú te virá.
- Flôr - Mas desse geito eu vou trabalhar muito mais do que trabalhava no Moinho.
- Giuseppe - Bom, qué dizê... tú pode trabalhá maise, mas tú vai trabalhá pra ti, não vai trabalhá pro os outro.
- Narrador - O argumento de Giuseppe não chegou a convencer Florentina, mas teve a virtude de fazer com que ela se calasse, vencida e resignada. Sem dúvida alguma, não fôra aquela a vida com que ela sonhara ao aceitar para marido um homem que já possuía alguma coisa de seu e que poderia libertá-la, finalmente, de uma longa e penosa escravi dão ao relógio e às impertinencias de um capataz de turma mal edu cado e grosseirão, *mal* em todo caso, como fôra educada nos antigos prin cipios de que a mulher deve sempre obediência ao marido, tratou de curtir, em silêncio, a sua primeira desilusão com o casamento. Ati rou-se com denodo e afinco ao trabalho, na esperança de, mais tar de um pouco, poder viver a vida que tinha idealizado. Ao completar o ~~terceiro~~ *segundo* aniversário do seu casamento...
- Flôr - Hoje faz ~~trez~~ *dois* anos que nós nos casamos, José.
- Giuseppe - Hoje?
- Flôr - Hoje, sim. E tú nem te lembraste da data, parece até mentira!
- Giuseppe - Óra, pomba! Eu tenho mais que fazê do que me lembrá dessas bobage. Tenho que trabalhá e ganhá dinheiro é o que é. O filho já vem em ca minho e nós vamo tê muito que gastá. Só a partera quanto vai levá?
- Flôr - A dona Rosa me disse que faz todo o serviço por quinhentos mil reis.
- Giuseppe - Quinhentos mil reis! É quasi o lucro de um dia de trabalho aqui no o buteco. E isso na hora que êle nascê. Despoise vai custá muito maise.
- Flôr - Agora tú estás achando ruim porque vais ter que gastar um pouco, mas depois que ele tiver nascido eu quero ver. Vais ficar bobo por êle.
- Giuseppe - Si fô êle, inda tá tudo bom porque quando fô crescidinho a gente en costa no serviço e tá tudo certo; mas si em veize *de ôde nascê ela?* *homem nasce mulher?* Aí é que a atrapalhação vai sê completa.
- Flôr - Isso é bobagem, José. Tanto nos pode ajudar um menino como uma meni na.
- Giuseppe - Pode ajudá, sim, porque a gente acostuma ela no serviço, igual. Mai se a questão é que quando ela ficá grande logo aparece aí um pelin

tra qualquere que carrega co a menina e em veize dela trbalhá pra a gente vai trabalhá pra êle.

Flôr - Não vale a pena tú te aborreces desde já, marido. Pode ser que Deus nos ajude e nasça um rapaz.

Narrador - Florentina, lá no seu íntimo, bem que preferia uma menina, ~~XXXXXXXXXX~~ ~~XXXXXX~~ mas... fiel aos seus princípios de obediência ao marido e para que êste não se aborrecesse nem arreliasse tanto, habituara-se a torcer pela vinda de um varão. Sua torcida, no entanto, não surtiu efeito e quando a dona Rosa veio dizer ao Giuseppe que nascera uma menina ele não pode conter o seu desapontamento.

Giuseppe - Porca miseria! Justamente o que eu no queria. Uma menina!

Rosa - Credo, seu Giuseppe! Nem diga assim porque Deus castiga. Uma menina tão gordinha, tão bonitinha!

Giuseppe - E o que adianta sê gordinha e bonitinha, pomba?!

Rosa - ~~XX~~ Cruzes, homem, nem diga isso!... Como não adianta? Não seria muito pior si ela nascesse fraquinha e doente?

Giuseppe - Sei lá, dona Rosa, sei lá! O que sei é que tô fulo de raiva.

Rosa - A gente nunca deve se revoltar contra as coisas que Deus determina. Ele sabe porque faz assim ou assado.

Giuseppe - Ele sabe porque faiz assado, mas eu tambem sei que agora estou frito. Quando ela tivé idade de começá a ajudá a gente, aparece um gavião e a gente fica otra veize trabalhando suzinho.

Rosa - Isso é o que a gente pensa, mas a gente nunca pode saber o dia de amanhã. O senhor não vê lá em casa? O filho o que é que me ajuda? Nada. Não quiz estudar, não quer trabalhar e vive por aí, atôa, gastando o pouco que eu lhe posso dar. A Juracy sempre trabalhou para me ajudar e mesmo depois que casou sempre que pode ~~ela~~ me dá uma mãozinha. Isso está na pessoa, seu Giuseppe. Não quer dizer nada que seja homem ou mulher.

Narrador - As palavras da velha parteira acalmaram um pouco o espirito do Giuseppe, sem, contudo, chegarem a consolá-lo. Levado por dona Rosa, foi ao quarto olhar a menina. Florentina, extenuada pelos sofrimentos da hora, ~~finha~~ ^{com} os olhos cerrados, na esperança de poder descansar no refúgio do sono, fingiu ou não se apercebeu realmente da aproximação do marido.

Rosa - ~~XXXXXXXXXX~~ (meia voz) Veja como é bonitinha e saudavel.

Giuseppe - Que seja bonita ou não, pouco interessa. Que tenha saude sim, que é pra gente não estar gastando dinheiro nos dotore e nas farmacia.

Rosa - O senhor agora está contrariado, mas eu ainda vou lhe ver caidinho pela menina.

Giuseppe - Que caidinho coisa nenhuma. Eu lá sô home dessas bobage, pomba?

Rosa - Isso não quer dizer nada. Eu tenho visto tantos outros! Mais tarde o senhor vai me dizer. Já escolheram o nome da menina?

Giuseppe - Escolhemo, nada. Si fôsse home ia se chamá Domenico que é o nome do meu papai. Mulhere... a gente no queria... ninguem se lembrô de escolhê o nome.

Rosa - Por que não bota, então, o nome da sua mãe?

- Giuseppe - Pode sê. Assim já não se tem o trabalho de escolhê oupro.
Rosa - Como se chamava a sua mãe?
Giuseppe - Celeste Assunta.
Rosa - Ponha só Celeste, então. Assunta é muito feio.
Giuseppe - É. Tanto faize.
Rosa - Bem, agora eu vou preparar um chazinho pra criança e depois vou pra casa. De noitezinha eu volto aqui para fazer um saldo pra dona Florentina e ver as coisas como estão.
Narrador - Dona Rosa tinha tido razão quando afirmara que Giuseppe acabaria mal rendido aos encantos da filha, quando esta fôsse maiorzinha. À medida que os anos corriam e ela ia se tornando mocinha, mais ele se envaidecia do seu desenvolvimento, da sua beleza e da sua vivacidade. Ao contrário do que tudo fazia crer, poz a filha no colegio, trazia-a sempre bem arrumadinha e não deixava que ela se misturasse com a gentalha que lhe frequentava o boteco. Florentina, essa sim, continuava trabalhando de sol a sol, acrescidos, ainda, os seus afazeres, com os cuidados das roupas e dos estudos da menina. Todos os dias, depois que ela terminava os afazeres da cosinha, enquanto o marido dormia a sua sesta e a filha se encontrava no colegio público mais proximo, atendia ela o balcão do negócio. Andava então pelos trinta e ^{sete} quatro anos, mas nem a falta de cuidados nem o excesso de trabalho haviam conseguido diminuir-lhe a beleza do rosto e a pureza das formas. Uma tarde chovia muito e não havia freguezes na casa. Florentina, atrás do balcão, lia as noticias de um jornal da véspera, quando um rapaz entrou bruscamente.

OPERADOR - RUIDO DE CHUVA EM B/G.

- Orlando - Boa tarde.
Flôr - Boa tarde.
Orlando - A senhora vende gazolina aqui?
Flôr - Não senhor. Só trabalhamos com querozene. Gazolina não.
Orlando - Imagine a senhora que eu saí de casa sem reparar no tanque do meu carro, para ficar preso aqui, tão longe e impossibilitado de tomar qualquer providencia por causa da chuva. Não ha nenhuma bomba por aqui por perto, há?
Flôr - A bomba mais proxima, que eu sei, fica nessa rua de traz, umas cinco ou seis quadras pra lá. Perto não é, mas tambem muito longe não se pode dizer que fique.
Orlando - Pois é, mas até que eu chegue lá e volte, vou chegar ensopado que nem um pinto. O remédio é esperar por aqui que a chuve dê uma estiada ou que passe um carro de praça. A senhora não se aborrece que eu fique esperando aqui, não é verdade?
Flôr - Não senhor, pode esperar.
Orlando - A gente, com a facilidade do auto, não cuida de trazer capa ou guarda chuva e quando menos espera acontece uma dessas. (Pausa longa) A senhora... a senhora trabalha aqui?
Flôr - Trabalho, sim senhor. Quer dizer... ajudo o meu marido. Ele é o proprietário do barzinho.

- Orlando - Como?!... A senhora... a senhora é casada? Não parece.
- Flôr - (naturalmente) Por que?
- Orlando - É tão moça!
- Flôr - (ri gostosa, mas naturalmente) Imagine!... Que idade o senhor pensa que eu tenho?
- Orlando - Pode ter, no máximo... vinte ^{quatro} dois anos.
- Flôr - (ri mais) Vinte ^{quatro} dois!... (torna a rir) Vou fazer trinta e ^{oito} cinco anos no dia ²⁷ de Outubro. ^{Fevereiro de ano que vem.}
- Orlando - Não é possível! A senhora está brincando comigo.
- Flôr - Brincando, nada. Tenho trinta e ^{sete} cinco anos, sim senhor. Pois si a minha filha já vai fazer ^{dois} dezesseis... ^{dois} anos.
- Orlando - Dou-lhe meus parabens e muito sinceros. O seu aspecto não vai além da idade que eu lhe dei.
- Flôr - Que bom que fôsse.
- Orlando - É. Garanto-lhe que é.
- OPERADOR - COMEÇA A DIMINUIR A CHUVA EM FUNDO.
- Flôr - E olhe que trabalho desde os treze anos.
- Orlando - E o seu marido não... não está em casa?
- Flôr - Está sestiano. Ele se levanta muito cedo, para abrir a casa, de maneir^{as} ras que a esta hora êle sempre tira uma soneca. (Pausa longa) A chuva está diminuindo, agora.
- Orlando - É. Vou esperar mais um pouco para ver se estia completamente que eu não desejo apanhar nenhum resfriado.
- OPERADOR - VAI RETIRANDO A CHUVA DEVAGARINHO ATÉ CESSAR COMPLETAMENTE.
- Orlando - Veja a senhora como são as coisas: eu nunca venho para este lado da cidade. Hoje que vim... fiquei preso.
- Flôr - O tempo anda mesmo muito incerto. A gente nunca sabe quando vai cho^{ver} ver ou não.
- Orlando - (depois de pausa) A senhora... a senhora nunca sai para... para ir ao cinema ou dar uma volta na cidade?
- Flôr - Não senhor. Nem tenho tempo. Desde que me casei a minha vida tem sido dentro desta casa e atrás deste balcão.
- Orlando - É mau. A gente precisa contrabalançar o trabalho com um pouco de divertimento. Faz falta.
- Flôr - Pois é, mas o que é que vai se fazer? Os afazeres não dão tempo... (Pausa longa) A chuva parou, agora.
- Orlando - É, parou.
- Flôr - O senhor devia aproveitar antes que recomeçasse a chover outra vez.
- Orlando - É, eu vou sim...
- Flôr - (depois de pausa) O senhor diz "eu vou" e fica aí parado? Se pega outra pancada como a que acabou de cair, vai ter que se molhar todo ou per^{der} der mais uma hora a esperar que ela passe.
- Orlando - Tem razão. Passe bem, dona... (transição) Como é o seu nome?
- Flôr - Florentina.
- Orlando - Meu nome é Orlando. Passe bem então, dona Florentina e muito obrigado.
- Flôr - De nada. Passe bem...

- Narrador - Orlando saiu dali completamente aturdido e desorientado com a beleza de Florentina. E a partir do dia seguinte, sistematicamente, coçou a chegar no boteco, sempre àquela mesma hora, com o pretexto de comprar cigarros, fósforos, erva-mate, vermouth, sabonetes ou qualquer outro artigo que lá houvesse à venda. E sempre que acontecia encontrar a casa vazia, aproveitava a oportunidade para um galanteio ou um convite à bela Florentina. Ela começou a desconfiar das suas maneiras e se queixou ao marido.
- Giuseppe - Escuita aqui, Florentina: Ele não tá gastando dinheiro no o buteco todos os dia? Tú não disse que cada dia ele compra uma coisa diferente?
- Flôr - Compra. Ante ontem ele levou uma garrafa de vermouth, ontem uma caixa de sabonetes... hoje outra garrafa de vermouth.
- Giuseppe - Pois então? Duas garrafa de vermouth em doise dia, quando a gente leva uma semana ou mais pra vendê ela aos copinho.
- Flôr - Mas eu não estou gostando do geito dele comigo, José, tú não entendes?
- Giuseppe - Que geito nem geito, que bobage o geito! O que interessa é o freguez que vem gastá o dinheiro dele no negocio da gente. Isso é que interessa. O resto é bobage.
- Flôr - Mas tú achas que é agradável a uma mulher casada e honesta, ~~que~~ estar sentindo as más intenções de um homem e ser obrigado a aturá-lo para não perder o lucro que ele possa trazer ao negocio?
- Giuseppe - Escuita, Florentina: o que interessa é uma coisa só: tú não vai fazê bobage com ele, vai?
- Flôr - Deus me livre!
- Giuseppe - Pois entê deixa o resto.
- Flôr - Mas não falta quem veja o geito dele comigo e amanhã fique falando de mim.
- Giuseppe - Deixa falá. A consciencia da a pessôa é que é, o resto não interessa. Que adianta eles dizê as coisa, si tú sabe que não é e eu sei ~~sei~~ sei?
- Flôr - Mas nós temos uma filha quasi moça e qualquer comentário a meu respeito pode vir em prejuizo dela, amanhã.
- Giuseppe - Que bobage, Florentina, que bobage! Deixa de pensá essas coisa. O que é que tem que vê uma coisa com a outra? A mãe é a mãe e a filha é a filha. Tú tem que fazê é uma coisa:
- Flôr - O que?
- Giuseppe - Tirá partido da situação. Trata ele bem, sempre com um sorriso amabile, sempre com uma palavra gentil, mas sem dá nenhuma vantagem. Pelo contrário, vai tirando vantagem, cobrando sempre mais caro as coisa que ele quizé comprá. Ele tá enamorado, não reclama nada e vai pagando. E a gente é que vai lucrando com a coisa. (Pausa) Que é que tu acha?
- Flôr - É isso que tú desejas que eu faça?
- Giuseppe - Mas claro. A gente tem que trabalhá com a cabeça, Florentina.
- Flôr - (depois de pausa) Está bem, José, está bem. Eu farei como tú desejas.
- OPERADOR - CARACTERÍSTICA FORTE PARA FINAL DO 1º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA.

Narrador - Florentina, sempre obediente aos desejos de Giuseppe, começou a proceder de acôrdo com o que lhe fôra determinado pelo marido. Passou a receber Orlando com palavras amáveis e um sorriso nos lábios. Essa sua atitude foi encher de esperanças o coração do rapaz que já estava começando a se convencer de estar malhando em ferro frio. Com o ^{seu desejo assegurado} coração alvoroçado pela esperança de uma proxima rendição por parte de sua vítima, o galã redobrou as suas amabilidades, animando-se, um dia, a uma investida direta.

Orlando - Você não pode continuar nessa vida de só trabalhar, Florentina.

Flôr - Por que? Eu já estou tão acostumada com o trabalho que nem poderia mais viver de outro modo.

Orlando - Isso é o que você pensa. Experimente um cinema... um teatro... um passeio de automovel, digamos... e depois ^{responda} me diga si não é tão bom intercalar o trabalho com uma distração qualquer.

Flôr - Acredito que seja bom, por que não? Mas isso é para quem dispõe de tempo para essas coisas e não para mim.

Orlando - Quando a gente quer... arranja tempo para tudo. O que é que você vai fazer hoje ~~de~~ noite?

Flôr - A mesma coisa que faço todas as noites. Passar roupa... costurar... fazer café para o marido e a filha...

Orlando - Si você quizesse ir a uma sessão de cinema ou dar um passeio de automovel, eu casualmente estou com a noite livre e viria buscá-la.

Flôr - Não, não, obrigada. Eu não posso fazer isso.

Orlando - Você é que pensa que não pode, porque se escravizou demais ao trabalho. Mas experimente fazer uma vez e eu tenho certeza de que procurará fazer sempre.

Flôr - Mas o senhor acha que meu marido me deixaria fazer um passeio de automovel com o senhor?

Orlando - Seu marido não precisaria saber de nada. Bastava que você lhe desse uma desculpa qualquer. Digamos... que ia visitar uma amiga enferma, por exemplo.

Flôr - Ele sabe que eu não tenho amigas. Desde que me casei que passei a viver exclusivamente para êle, a minha casa e o meu trabalho. Si eu lhe disser que nem na casa do meu pai eu puz mais os pés, desde que me casei... *o senhor talvez não acredite.*

Orlando ^{Por que?} - Casou-se contra a vontade dele, por acaso?

Flôr - Dele, propriamente, não. ^{Da} Minha madrasta ^{que} não desejava que eu me casasse, para não perder o auxilio que eu dava a meu pai para a manutenção da casa. Em consequencia disso, meu pai concordou com ela e nós ficamos indiferentes.

Orlando - Você não é religiosa? Pode dizer ao seu marido que vai à igreja e eu não acredito que ele procure impedi-la. Eu lhe esperaria a duas quadras d'aquí...

Flôr - (corta) Não, não, por favôr. Afaste essa ideia, eu lhe peço.

Orlando - Pois bem, si não aceitar o meu convite, eu nunca mais voltarei aqui. Pense... e amanhã me diga alguma coisa.

Flôr - Mas por que não voltará? Até agora eu nunca sei com o senhor ~~xxxxxxxx~~
e o senhor tem vindo sempre... Que diferença faz?

Orlando- Faz ^{eu sou freguez da casa} que ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ ha mais de dois meses, sou seu amigo, converso
com ~~xxxxxxxx~~ ^{você} todos os dias, interesse-me pela sua sorte, convido-a a
dar um passeio de automovel com a única intenção de distraí-la e você
recusa o meu convite? Isso tira o estímulo de um homem que deseja ser
gentil com uma senhora.

Flôr - Mas não fica bem, o senhor compreenda...

Orlando- Óra, não fica bem! Não fica bem é ~~xxxxxxxx~~ você, moça como é, enterrar-
se dentro desta casa, a trabalhar como burra de carga, sem procurar, nun-
ca, distrair os seus olhos numa paisagem diferente. O que é que você
acha que poderia acontecer demais, si você aceitasse o meu convite? (Pau-
sa) Vamos, responde? que acha você que poderia acontecer?

Flôr - Bem... nada...

Orlando- Pois então? Você está concordando comigo que não ha nada de mal no meu
convite. É uma questão nã de...

Giuseppe - (em 2º plano) Buona tarde.

Orlando- (atrapalhada) Bo... boa tarde.

Flôr - Ué, que foi isto? Levantaste mais cedo hoje?

Giuseppe - Como mais cedo? Na hora de sempre. Sou quasi as três hora.

Flôr - (naturalmente) Mas é mesmo! Eu nem tinha reparado. Pensei que fossem ~~xxx~~
umas duas... duas e pouco...

Giuseppe - Que duas nem duas. As duas adonde que foi já chegaro. O sinhore queria
alguna coisa?

Orlando- Sim, sim, eu queria... A sua senhora já está me atendendo.

Giuseppe- Molto bene.

Orlando- Duas garrafas de vermouth, faça o favor.

Flôr - (passando para segundo plano) Doce ou seco?

Orlando- Seco.

CONTRA REGRA - RUIDO DE GARRAFAS.

Flôr - Que mais?

Orlando- Tinha outra coisa tambem que eu queria... deixa ver o que é...

Giuseppe- O sinhore no qué ^{experimentá} tambem este cognac squi? É speciale.

Orlando- É, podê ser.

CONTRA REGRA - RUIDO DE COLOCAR GARRAFA NO BALCÃO.

Giuseppe- Bota junto esta que ele vai levá.

Flôr - Mais alguma coisa?

Giuseppe- Exprimenta tambê esta garafa de vinho que é um produto novô de Caixias.
Dis os entendido que é uma maravilha este vinho.

Orlando - Está bem, eu vou levar. Agora a senhora me faça o favor de embrulhar
as garrafas e ver quanto é.

Giuseppe- Dixa que eu faço o pacote.

CONTRA REGRA - RUIDO DE FAZER PACOTE EM SEGUNDO PLANO. DATE GARRAFAS. PAPEL.

Flôr - Então são duas garrafas de vermouth a ~~cinco~~ ^{vinte} e cinco ~~xxxx~~ mil reis

Giuseppe- (2º plano) ^{vinte} que ~~cinco~~ e cinco... ^{quarenta} ~~cinco~~ mil reis. Estes já son da
nova partida, son mais caro.

- Flôr - Ah, eu não sabia. O preço antigo era vinte cinco... Então são oitenta mil reis do vermouth... quarenta do cognac...
- Giuseppe- ^(2º plano) Como quarenta? Sessenta. Tá tá bebida ou o que é que tá tá, Florentina?
- Flôr - Subiu também o cognac?
- Giuseppe- Claro que subiu. O que é que no sobe?
- Flôr - Bem, então são: duas garrafas de vermouth e quarenta - oitenta mil reis. Uma garrafa de cognac a sessenta - são cento e quarenta e uma garrafa garrafa de vinho... (TOM) Quanto é o vinho, José?
- Giuseppe- Trinta e cinco.
- Flôr - Cento e quarenta com mais trinta e cinco, dá... cento e setenta e cinco mil reis.
- Orlando - Muito bem. Pode descontar daqui, por favor.
- Giuseppe- Tá o pacote. Deixa que eu faço o tróco. O signore me dá duzentos e eu tenho que descontá cento e oitenta e cinco, né?
- Flôr - Não, José, são cento e ~~trinta~~ setenta e cinco.
- Giuseppe- Ah, cento e setenta e cinco. Eu entendi dizê oitenta e cinco.
- CONTRA REGRA - RUIDO DE ABRIR CAVETA EM 2º PLANO. PAUSA.
- GIUSEPPE- (2º plano) Eu vô ficá lá devendo cinco mil reis que eu não tenho. Outro dia a gente acerta as conta, tá?
- Orlando - Está muito bem, não tem importância.
- CONTRA REGRA - RUIDO DE FECHAR CAVETA EM 2º PLANO.
- Giuseppe- (vinde tres passos) Entom tá. Vinte de tróco.
- Orlando - Obrigado.
- Giuseppe- Não tem de que, signore. Sempre as órde.
- Orlando - (saindo) Passe bem.
- GIUSEPPE (JUNTOS) Passe bem.
FLORENTINA
- CONTRA REGRA - PASSOS SE APASTAM TRES OU QUATRO EM MADEIRA E DEPOIS CALÇADA.
- Giuseppe- (Rindo) Cento e oitenta mil reis em cinco minuto, hein? Troxa! (ri)
- Flôr - Tá cobraсте demais, José. Eu já tinha aumentado os preços e tú ainda aumentaste muito mais.
- Giuseppe - Mas tá visto, porca pipa! A gente tem que aproveitá os troxa e fazê elas pagá bastante. Ela pensa que tá me levando no o pacote e quem vai no pacote é ele.
- OPERADOR - AUTOMOVEL PASSA, NA RUA, NA FUENTE DA CASA E BOME.
- Giuseppe - Aquela é que é o autove dele?
- Flôr - É.
- Giuseppe - Que belo carro tem o desgraçado, hein?
- Flôr - Ele agora quer que eu vá dar um passeio com ele.
- Giuseppe - Pra que? (Tom de quem achou ruim) Pra que?
- Flôr - Disse que é pra eu me distrair, que eu vivo trabalhando, que nunca vou a parte alguma...
- Giuseppe - Distraí, hein? Distraí.
- Flôr - Disse que si eu não aceitar o convite que ele não volta mais aqui e nunca mais nos compra nada.
- Giuseppe - (preocupado) Disse isso?

Flôr - Disse.

Giuseppe - (depois de pausa, preocupado) É um buraco. A gente perdê um fregueize como este no é biscoito.

Flôr - Eu, por mim, não ia e deixava que ele não nos comprasse mais.

Giuseppe - Não, não, Juventina, não. Não se pode perdê um fregueiz assim. Um fregueize que compra em cinco minuto o que a gente leva quasi um dia pra vendê... Tem que se dá um jeito. Tem que se dá um jeito.

Flôr - Você acha que eu devo ir?

Giuseppe - Vamo vê, vamo vê. Vamo pensá e dispoise a gente resolve.

Narrador - O resto daquele dia e uma grande parte da noite, foram de ^{enorme} preocupação tanto para Florentina como para Giuseppe. Embora não tivessem mais falado no assunto, sentia-se que ambos não podiam afastar, daquele convite, o seu pensamento. A moça sofria, intimamente, o receio de que o marido, pela sua ambição desmedida, a atrasse ao encontro da deshonra e do pecado. Giuseppe, por sua vez, sustentava uma tremenda luta íntima entre ^{a angústia} ~~preocupação~~ de perder o melhor freguez do seu negócio e o receio de que a mulher, vendo-se a só com o seutor, em cenário adequado, pudesse render-se à provável tentação da hora. De manhã cedo, ao levantar, ambos tinham, nos olhos, a marca da vigília daquela noite sem fim. Como querendo disfarçar a preocupação que o dominava, Giuseppe disse à mulher:

Giuseppe - Esta noite quasi que eu no pude dormire com uma disgraciata duna pulga que resolveu fazê passeio na as minhas costas.

Flôr - Por que não te levantaste pra procurá-la?

Giuseppe - No quiz te acordare.

Flôr - Eu estive acordada quasi toda a noite.

Giuseppe - Per que?

Flôr - Estava sem sono... indisposta, com dôr de cabeça...

Giuseppe - Tú no quise tomare o café de nôte... Quem trabalha tutto o dia tem que se alimentare.

Flôr - Si eu tivesse tomado o café sem vontade... ia achar que a dôr de cabeça era por causa disso.

Giuseppe - Bem, vamo tratá da a vida que já tamo na hora de pegá no o batente. Tú no vai acordá a menina pra studá?

Flôr - É cedo, ainda. Deixa ela dormir mais um pouco, depois eu chamo. Enquanto ela pode aproveitar alguma coisa boa... deixa que aproveite. Amanhã eu depois casa... a gente não sabe o que é que a coitadinha vai passar...

Giuseppe - Que vai passá? Como vai passá? Então não tô eu aqui pra não deixá o meu fado judiá dela? No tô eu aqui pra defendê ela?

Flôr - (duvidando) Tá? (Pausa, transição) É, pode ser que a filha... (Pausa)

Giuseppe - Que é que, tú qué diê? Então tú acha que eu nom vô defendê a minha filha si me calagaste quisê maltratê a peguene?

Flôr - (convita) Vais, sim. Eu sei que vais, porque tú tens verdadeira loucura pela tua filha. E era assim, tambem, que tú devias... (porta)

Giuseppe - (depois de pausa) Devia o que? Fala.

Flôr - Não, não... nada. Não ia dizer uma bobagem. Deixa eu ir te levar lá no

tanque que já está na hora de fazer o café.

Após
Narrador - ~~Excessivas~~ cumpridas as suas primeiras obrigações da manhã, Florentina, depois que a filha saíra para a sua aula de acordeona com uma professora particular que morava ali mesmo no bairro, sentindo-se aturdida e desamparada, correu a uma imagem de Nossa Senhora de Pompeya, que acompanhava seu marido desde que elle abandonara os pais no interior para atirar-se no seu ideal supremo de ganhar dinheiro, e ajoelhando-se aos seus pés, suplicou-lhe com desespero:

Flôr - Nossa Senhora de Pompeya: Tô que o acompanhas a tantos anos e que o tens protegido sempre, satisfazendo-lhe as ambições, desperta-lhe a consciência para que ele não me atire ao encontro do pecado. Eu tenho uma filha, ^{esta moça} ~~Ve~~ mais por elle do que por mim mesma, desejo, e muito, conservar-me honesta. Sou uma frágil mulher que ^{se tem} ~~há~~ esforçado, sempre, no cumprimento do seu dever, mas são tantas as forças a conspirar contra mim que eu já não sei si encontrarei, dentro ^{do meu ser} ~~de mim~~, a coragem necessária para enfrentá-las e vencê-las. Ajuda-me! Proteja-me! Mostra-me o caminho a seguir!...

Narrador - Como que atendendo à sua súplica desesperada, dona Rosa, a parteira que ajudara Celeste a nascer e que depois servira-lhe de madrinha de baptismo, na falta de outra, appareceu-lhe inesperadamente e foi ao seu encontro, na cozinha, onde Florentina estava cuidando do almoço.

Flôr - Qué allagre, dona Rosa! O que foi que aconteceu?! A senhora só costuma aparecer aqui no aniversário da sua afilhada...

Rosa - É que eu sempre tenho muito que fazer, você sabe. Estou cada vez mais velha e cansada mas não posso deixar de trabalhar porque o filho me tira todo o dinheiro que eu ganho...

Flôr - Isto é uma barbáridade!...

Rosa - E aí de mim si não tiver dinheiro para lhe dar quando ele o exigir! Ele será capaz até de me bater.

Flôr - Que tristeza, meu Deus!...

Rosa - Estou com sessenta anos agora e deente ou com saúde, com sol ou com chuva, de dia ou a qualquer hora da noite, sou obrigada a sair para poder ter sempre um dinheirinho guardado. Ele, coitado, bebe e joga... não há dinheiro que chegue. Eu tenho pena dele, porque ele não é mau, você sabe? É a maldita bebida. O que é que a gente vai fazer? ~~Ram~~ (transição) Bem, mas eu não vim aqui para falar da minha vida. Vim para conversar com você a respeito de um assunto muito sério, minha filha.

Flôr - O que é, dona Rosa?

Rosa - Você sabe que eu lhe quero bem, xi ajudei sua filha a nascer, sou madrinha dela e desejo para ella um bom casamento e um futuro feliz.

Flôr - Eu sei, dona Rosa. Não tenho nenhuma dúvida sobre os seus sentimentos e respeito de Celeste.

Rosa - É a seu respeito também, porque embora eu só venha aqui uma vez por ano, sou muito sua amiga e lhe quero muito bem. Você sempre foi uma moça de valôr, honesta e trabalhadora. Enquanto foi mais moça, nunca deu a ninguém o direito de dizer qualquer coisa de você. No entanto agora...

Flôr - Eu sei, dona Rosa, não é preciso que a senhora diga mais nada. Já entendi tudo.

Rosa - Pois é, minha filha, acaba com isto. Todo o mundo comenta no bairro. Eu fico tão triste quando ouço...

Flôr - Mas eu lhe juro que até agora não fiz nada que eles possam ter o direito de me acusar.

Rosa - Eu sei. Eu tenho certeza disto, mas para o mundo, infelizmente, não basta que a mulher seja honesta, minha filha. Ela precisa ser... e parecer. Você conhece... esse homem vindo aqui, diariamente, ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ conversar com você numa hora em que o seu marido está seesteando... Não fica bem, convenhamos. Você ainda é moça e bonita. Precisa resguardar-se não só por você mesma como pela sua filha. Imagine se amanhã o seu marido vem a saber disso... que pensará?

Flôr - Meu marido sabe de tudo, dona Rosa.

OPERADOR - PORTADA FORTE EM B/G. SEM CORTAR.

Rosa - Como?!... Seu marido sabe que você conversa com esse homem todos os dias?

Flôr - Sabe, sim senhora. Eu mesma contei tudo a ele.

Rosa - E o que é que ele diz a isto?!...

Flôr - Diz que tem confiança em mim e que eu vá aproveitando a tolice do rapaz para que ele continue a gastar, como gasta diariamente aqui no bar, cem, cent e cinquenta, duzentos mil reis.

Rosa - (depois de pausa) O dinheiro!... O maldito dinheiro!... Há homens que se deixam cegar por ela e não veem mais nada. Que pena que eu tenho de você, minha filha!... Que pena!... Mas você não pode se sujeitar a isto. Você precisa reagir.

Narrador - E dona Rosa aconselhou Florentina a despechar definitivamente o rapaz naquele dia, mesmo contra a vontade do marido. Não. Ela não podia sair a passear de automovel com ele, nem naquela noite... nem nunca. Se o fizesse... estava perdida. E tanto falou, tanto aconselhou, tanto invocou o futuro, e o bom nome da filha que, quando se retirou estava tranquila e certa de que Florentina se insurgiria contra o marido e não o obedeceria. E de fato foi isso o que a pobre criatura tentou realmente fazer.

Flôr - Não, Orlando, não. Eu já lhe disse que não irei passar com você e está acabado.

Orlando - Você prefere, então, não me ver nunca mais?

Flôr - Prefiro. ~~É~~ Este é meu dever de esposa e de mãe. (Pausa) Vá embora, vá. Que espera mais?

Orlando - Está bem, Flôr, eu vou. E nunca mais voltarei aqui... para tentar esgoelá-la. Porque eu a amei verdadeiramente, entende? Amei-a e estava disposto a fazer com que você se desquitasse de seu marido para casar-se comigo. E haveria de dar-lhe uma vida muito mais digna de sua beleza. Adeus.

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM NA MADEIRA E DEPOIS NA BUDRA.

Giuseppe - (2º plano) Chama ele ^{disse} e diz que tu vai, *Florentina*.

OPERADOR - PORTADA FORTE EM B/G. SEM CORTAR.

Flôr - José!... Já ouviste o que ele disse e ainda insistes em que eu vá?!...

Giuseppe - (mais forte) Chama ele e diz que tu vai, mulhé burro! Então nóice va mo perdê um freguês que tá embeigado por ti? Vamo tirá até a camisa de la. Anda, anda, corre lá na a porta, chama ele e diz que tu vai. (Pausa)

Flôr - (depois de pausa, voz resignada) Está bem, José. Eu vou faço o que tu queres.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO 2º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

OFERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA DO 3º ATO.

Narrador - Com o coração fortemente apunhalado pelo desaso de Giuseppe, Florentina correu à porta e, antes que Orlando houvesse atingido o seu carro, estacionado a poucos metros dali, gritou por ele, fazendo-o voltar. Combinaram a hora em que ~~fixe~~ o rapaz deveria buscá-la e enquanto este ru nava para a cidade, com todos os seus sentidos alvoroçados, a pobre mu lher voltava para dentro de casa, inteiramente arrasada, como a ré que, no tribunal que a julgara, acabasse de ouvir a sua sentença de morte. Mal pusera, de volta, o pé na entrada da porta...

Giuseppe - Quasi que tû perde essa pipinera, bobalhona idiota.

Flôr - Como bobalhona idiota?, José? Então eu não tenho que olhar outras coisas antes de olhar o dinheiro que possa tirar desse homem?

Giuseppe - Que otras coisa, nem otras coisa, pomba! Tû nem parece que é uma mu lher velha e que tá sabendo que o dinheiro vale mais do que tudo na vida.

Flôr - Eu não sou tão velha assim, José; pelo menos para me livrar dos comentá rios da vizinhança.

Giuseppe - Que bestera de comentário? Tira essas coisa da a cabeça que ninguém vai fazê comentário de ti, porca pipa!

Flôr - Tû é que pensas que não. Sabes o que veio fazer hoje a dona Rosa em nos sa casa?

Giuseppe - O que?

Flôr - Veio justamente me advertir sobre os falatórios de todo o bairro a meu respeito e desse rapaz.

Giuseppe - Velha desgraçada e língua rota. Ela é que qué dirê as coisa e enton vai com as conversa que tutta a gente está falando. A dona Rosa! Tutta a gente sabe que ela é linguaruda mesmo.

Flôr - Não, José, pelo contrário. Nunca ouvi a dona Rosa dizer mal de ninguém. E si veio hoje à nossa casa foi unicamente para me prevenir, com receio de que os falatórios possam prejudicar nossa filha.

Giuseppe - Ouva, Florentina, o que te digo io, o Giuseppe: tu sempre foi uma mu lhere buona, uma mulhere honesta e obediente. Ninguém tem nada que diga ra de ti. Vai por mim que tû vai bene. Io sei o que tû fazendo. Se io no tinha confiança em ti no te manjava passia con esse bobalhon. Si te mando é par que sai que nada vai te acontecê.

Flôr - Então tá querem mesmo que eu vá sozinho passar no automovel de um ra paz que me confessou estar apaixonado por mim?

Giuseppe - Que susinha? Quem disse que tó vai susinha no automovel com ele?

Flôr - Pois não é isto que ele quer que eu faça? E tú não concordaste?

Giuseppe - Ele qué que tú faça, é claro, mas tú no vai fazê, ora pomba!

Flôr - Mas então eu não compreendo. Tú não vais, certamente, querer ir com nosco; ou vais?

Giuseppe - Que vó?! Eu lá gasto o meu tempo em fazê bobagera? Eu quero é traba^lhá e ganhé dinheiro. Isso é que eu quero.

Flôr - Mas si tú dizes que eu não vou susinha e não queres ir... quem me acompanhará?

Giuseppe - A Celeste, pomba!

OPERADOR - AGULHADA EM B/G. , SEM CORTAR.

Flôr - (choque) A... a Celesta?!... Tú... Tú pretendes que a nossa filha me acompanhe numa coisa dessas?

Giuseppe - Mas tá visto, porca miseria! Si a menina stá junto com voceis o que é que ele pode fazê? Nada. O que é que os linguarudo pode dizê? Nada. É um golpe de mestre que só a cabeça do Giuseppe podia pensá, porca pipal! Eu sou inteligente, mulhero. Eu sô intaligenta! Deixa que eu sei o que tô fazendo. A menina vai junto contigo e tudo fica resolvido favorábilmente. Quem sabe, sabe! (Gargalhada) Quem sabe, sabe!...

Narrador - Florentina ainda procurou, por todos os modos, convencer o marido de que ele estava errado e que não devia atirá-la ao fogo com tanta certeza de que ela não sairia queimada. Não valeram conselhos, admoestações, advertências nem ameaças, porque o homem só via uma coisa di ante d'ele: uma oportunidade, como talvez não lhe surgisse outra igual na vida, de arrancar o couro de um ricoço, sem grande esforço. Era o dinheiro! A maldita fascinação pelo dinheiro, a mesma que o fizera abandonar o carinho e a convivência dos seus pais, que o impelia, agô ra, para o abismo ou talvez para o crime, sem que êle visse mais nada, sinão os raios dourados que fulgiam do monte de moedas acumuladas na sombra. Era tal o seu desatino em preparar bem a armadilha para tirar o couro com facilidade, que ele proprio foi a uma sapateria proxima e trouxe de lá um par de sapatos para Florentina, visto que esta, há muito, nu não calçava outra coisa que não fôssam chinelos.

Giuseppe - Flore, minha Flore, tú no queria i no o passeio por que no tinha sa^lpato, nó? Pois eu te comprei uns sapato molto bonito, comprei. Cento e ^{vinte} ~~sessenta~~ mil reis e isso mósimo per que a 'Casa Foguara' está na a liquidação, Experimenta eles no os pé e vó como tu vai gostá. Os sapato son muito lindo, os sapato. Até parece sapato de granfina. Tem bico fi^{no} no o trussela.

Flôr - Tanto se me dá que sejam bonitos ou não. Por mim, eu ficaria em casa cuidando do meu serviço, em vez de me expôr a servir de isca para um homem rico, levando ainda minha filha para servir de escudo à minha honorabilidade.

Giuseppe - A menina vai gostá de fazê um passeio, vai gostá. Ela, cuitadinha, que nunca sai para parte nenhuma... é só para o colegio, os istudo da a gaita e o resto do tempo é tutto em casa, o resto do tempo.

Flôr - Mas para sair num caso assim, eu preferia que ela ficasse o resto da vida dentro de casa.

Giuseppe - Dixa de sê boba, ora pomba, e trata de arumá ela.

Flôr - Que arrumar? Ela terá que ir com o uniforme do Colégio, que ela nem tem outra roupa pra sair a não ser êle.

Giuseppe - E que tem isso de mais? O uniformo é tom bonito. Plancha ele bem planchadinho... faize as prega na a saia, direitinho, faize, passa uma pomada na as botina... passa o pente no os cabelo dela, passa e pronto. Nem percisa mais nada. (Pausa e tom) A que hora é que ele vem pra buscá voceis no o automóve?

Flôr - Disse que às oito e meia nos esperava - isto é, esperava a mim, porque ele não sabe que a menina vai. - na esquina da outra rua aqui de traz.

Giuseppe - E per qué ele no vem aqui? No faize male.

Flôr - Porque ele nem siquer suspeita do seu plano e está convencido que você não sabe que eu vou passear com êle.

Giuseppe - Ah, si, si, tem razon, tem razon. É melhore mésimo que ele pensa que eu no sei de nada.

Narrador - Às oito e meia da noite, conforme estava combinado, Orlando ~~permanece~~ se postou, com o seu automovel, no local anteriormente aprazado e não teve que esperar muito tempo. Florentina chegou com a filha, para enorme surpresa e desaponto do conquistador.

Flôr - Esta é minha filha Celeste que veio para passear conosco.

OPERADOR - RAJADA AGUDA EM B/G. SEM CORTAR.

Orlando - (choque) Sua... sua filha... vai conosco?

Flôr - Sim, por que? Aborrece-lhe a companhia dela?

Orlando - (atrapalhado, disfarçando) Não, não... absolutamente... tenho até muito prazer. Podemos ir os três na frente. O carro é largo e dá bem.

CONTRA REGRA - RUIDO DE ABRIR PORTA DE AUTO.

Orlando - Queira embarcar, senhorita.

Flôr - Espera, Celeste. (Pausa) Eu entro primeiro. (Pausa) Suba você agora.

CONTRA REGRA - DEPOIS DE PAUSA, BATE COM PORTA E AUTOMOVEL.

OPERADOR - RUIDO DE CARRO QUE ARRANCA E SEGUE ANDANDO, DISTANCIANDO-SE ATÉ SUMIR

Narrador - O passeio correu normalmente e a sentinela dos namorados, embora ignorasse totalmente o papel que estava representando, impediu que o ousado conquistador desse qualquer vasão aos seus desejos reprimidos. Assim mesmo, por duas ou tres vezes, ocultamente, Orlando tentara segurar a mão de Florentina que, indicando com um movimento de olhos a presença da filha, ~~esquivava-se~~ habilidosa e delicadamente. Às dez horas da noite as duas regressaram à casa, onde Giuseppe as esperava ansiosamente, desejoso de saber os mínimos detalhes daquela cilada

que êle mesmo preparara ao rapaz rico. Como não pudesse falar certas coisas na presença da filha, esperou, impaciente, que esta se deitasse e correu a saber da mulher todas as particularidades apresentadas naquela noite.

Giuseppe - E entom? Come foi o passeio, buano? A menina disse que gustô.

Flôr - Era natural que gostasse. A pobrezinha nunca vai a parte alguma... nem ela nem eu. Uma grande parte do que ele nos mostrou nós nem conheciamos.

Giuseppe - E ele? Come fui? No te disse nada?

Flôr - Que podia dizer, com uma sentinela ao lado?

Giuseppe - (dá uma gargalhada gostosa) Viste como io sono inteligente? Nem ilo pude dizere nada e nem as pessôa que viu voçeis pôde dizê tambem. Tú nom tava suzinha, nem ela... A gente tem que trabalhá com a cabeça, mi nha velha. Tem que trabalhá com a cabeça.

Flôr - Si você trabalhasse realmente com a cabeça, compreenderia o perigo a que nos expõe e não nos obrigaría a acompanhar um rapaz que sabemos apenas ser rico e nada mais. Nem si ele é casado nós sabemos.

Giuseppe - E que tem que seja casado? Não é o dinheiro dele que nóise queremos?

Flôr - Nós, não. Você.

Giuseppe - Eu, tá bem, eu. A mi que me importa que os fregueze que compra as mercadoria no o meu negócio seja casado ou soltero, porca pipa? Dinheiro é dinheiro, pomba. No tem sexo ni estado civile.

Flôr - ~~Ø~~ Você só pensa em dinheiro, José. Em juntar dinheiro e nada mais. E há tanta coisa importante neste mundo alem dele!

Giuseppe - Que cósá? A cósá mais importante é ele mêsimo que tudo risólve.

Flôr - Bem, deixa-me deitar que estou cansadissima e com uma dôr de cabeça de rachar.

Giuseppe - Conta una cósá, antes, conta. Ele no marcô otro passeio?

Flôr - Vem aqui amanhã, depois do almoço, para marcar. Não era isso que você queria? Que êle viesse aqui para gastar no bar?

Giuseppe - Má claro, clarissimo. Amanhã, quando ele chigá tú tira o que pode, hein?

Narrador - Orlando voltou no dia seguinte, como de costume e marcou um novo passeio para dois dias depois. Foram e tudo correu como da vez primeira. Mais outro... outro mais... e de repente, inexplicavelmente, o rapaz se ausentou dos olhos de Florentina sem nenhuma explicação. Ao fim de uma semana de ausencia, como ele continuasse desaparecido e sem dar sinal de vida, Giuseppe começou a se preocupar seriamente.

Giuseppe - Alguna cósá deve di tê acontecido. Tú tem certeza que tú no dice nada pra ele que ele pudesse se aburrecê, pudesse?

Flôr - Claro que tenho, José. Sempre o tratei com a maior delicadeza. Si você acha que não, Celeste poderá lhe dizer. Ela tomava parte em todos os nossos assuntos.

Giuseppe - Isso é o diabo, o diabo! Um fregueize tom bom e que gastava tanto no o negocio! Pôde sê que ilo esteja doente, pode sê. Tu no sabe adonde que ilo mora?

Flôr - Saber eu sei. Ele passou pela casa e nos mostrou, mas você não ha de querer que eu vá lá indagar o que se passa, não é?

Narrador - Giuseppe estava seriamente preocupado com a perda do freguez rico e a propria Florentina não deixava de estar intimamente decepcionada com o desprestígio dos seus dotes pessoais, assinalados pelo fracasso do abandono em menos de dois meses de convivência. Mal sabiam, êle e ela, que aquele silêncio era o preságio de uma grande desgraça. E ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ foi Florentina quem primeiro estabeleceu contato com ela. Levantara-se cedo, como de costume e depois de acender o fogão para preparar o café, dirigira-se ao quarto da filha para acordá-la afim de que ela não chegasse tarde ao colégio.

Flôr - Ué!... Celeste já se levantou?! Será que está lá fora no tanque?! Mas ela nunca se acorda sem que eu a chame... Só se adoeceu durante a noite e... (transição) Que é isto?! Um bilhete de minha filha? (Pausa breve. Grito de fera acuada) Não!... Não pode ser!...

OPERADOR - PONTADA AGUDA EM B/G. SEM CORTAR A CENA.

Flôr - (sem parar) Não pode ser!... Minha filha fugiu com Orlando!..

OPERADOR - NOVA PONTADA SEM CORTAR.

Flôr - (idem) Fugiu com êle!... (gritando) José!... José, depressa!... De pressa!... Nossa filha, José, depressa!...

Giuseppe - (2º plano, vindo) Eh, que gritaria é essa di manhã cedo? Que cosa aconteceu?

Flôr - Ouve, José... Ouve o que aconteceu: (patética) Nossa filha fugiu com Orlando!... (desata a chorar)

OPERADOR - NOVA PONTADA EM B/G.

Giuseppe - No! Nó pode sere. Isso no é verdade! Io no acredito, nó acredito.

Flôr - Cuve o bilhete que ela nos deixou. (Pausa, lendo com voz de choro) Mãe e Papai: Eu estava cansada da vida horrivel que vocês me proporcionavam e não me sentia com forças para continuar a aturá-la. Fujo com Orlando para o estrangeiro e é inútil que vocês me procurem porque ainda que me encontrassem - o que duvido muito - eu não voltaria porque sou maior e já me cabe o direito de escolher o que mais me aprouver. Vou felicissima e ~~xxxxxxxxxxx~~ desejo que vocês se conformem. Celeste. (Começa a chorar sentidamente)

Giuseppe - (ferido de morte, depois de pausa) A minha filha!... A minha filha querida que era toda a minha alegria... todo o meu encanto... toda a minha vida!... Per qué tu feiz isso, ingrata? Per que? (chorando) Tú no sabia que tutto o dinheiro do o papai era pra tí? Si tú queria una vida diferente, per qué tu no dice pro papai que o papai te dava tutto como tu queria? (chora uns momentos) A minha filha!... A mi nha filha querida!... (revolta) Má eu vô percurá ela, vô e quello la dron, disgraciato vá me pagá questa infâmia. Miserábile! Bandido!

Flôr - (revolta) Cale-se. Você não tem o direito de acusar ninguém. Foi vo cê, somente você o culpado do que aconteceu à nossa filha. Pelo seu desmedido amor ao dinheiro você me obrigou a aceitar a corte de um homem e usar nossa filha como escudo às investidas que ele pudesse fazer contra a minha dignidade. O castigo aí está. Esse mesmo homem seduziu nossa filha e levou-a para longe de nós. Foi por sua culpa e pela sua insistencia que ela foi conhecer uma vida diferente da que

até então havia levado ao nosso lado, permitindo-lhe uma comparação e a escolha de viver de outro modo e num ambiente diverso. Quer você, agora, acusar o rapaz, quando o único culpado é você mesmo? Não e não! Você não pode fazer isso. Você não tem o direito de fazer! Para que tanto dinheiro acumulado é a custa de tantos sacrifícios e até de indignidades?!... (gritando) Para nada!... (mais forte) Para nada! (mais forte ainda) Nada!... (desata a chorar convulsivamente e vai se afastando do microfone até o choro desaparecer)

Narrador - Giuseppe não teve uma só palavra para se defender. Estava totalmente derrotado. Sim, ele sentia que a mulher estava com toda a razão. Fôra a sua ambição desmedida a causa da desgraça da sua filha e do seu lar. Ele se sentia culpado e o último dos miseráveis. Muito tempo permaneceu ali, olhando a cama desfeita, o roupeiro aberto de par em par e as lágrimas corriam-lhe, silenciosas, pela face, impregnando-se nas largas e carunchosas táboas do velho chão! (Segue, sem interromper)

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER EM 3º PLANO PASSAM E SOMEM SEM CHEGAR NO MICRO.

De repente, os passos afastados de Florentina acordaram-no daquele terrível torpor em que se achava embebido, desviando-lhe a cabeça para o lado da porta. Viu a mulher passar por ela, enxugando as lágrimas com ^{uma das mãos} ~~o lenço~~ e levando ^{na outra} ~~o lenço~~ uma pequena trouxa. Advinhou tudo! Quiz chamá-la, mas a voz morreu-lhe na garganta, abafada pelos soluços. (Pausa e tom) Passados três dias, como o bar não se abrisse e ninguém aparecesse, os vizinhos comunicaram o fato à polícia. A porta foi arrombada e o corpo de Giuseppe foi visto pendurado pelo pescoço de uma das traves do teto. Sobre o balcão havia um bilhete onde ele deixara escritas as seguintes palavras:

Giuseppe - No acusem ninguém da a minha morte. Mori de vergonha... de saudade... e de rimorso...

Narrador - Passados mais alguns dias, um edital chamava as herdeiras do morto para tomarem posse ^{da} ~~uma~~ enorme fortuna que uma vida miserável conseguira, inutilmente, acumular.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL PORTE PARA FINAL DO 3º ATO.

Distribuição

Narrador.....	Salimen Junior <i>Wilson Fragoso</i>
Florentina.....	Zaira Accuan <i>Rosalmaria</i>
Giuseppe.....	Ivan Castro <i>Nelson Silva</i>
Rosa.....	Nina Rosa <i>Cláudia Nina Rosa</i>
Orlando.....	Wilson Fragoso <i>Marco Aurélio</i>
<i>Dirção</i> —————	Wilson Fragoso <i>Manoel de Araújo</i>